

# DESLOCAMENTOS DE PORTUGUESES E LUSO-AFRICANOS PARA SÃO PAULO

ZEILA DE BRITO FABRI  
DEMARTINI \*

## *1 Introdução*

Os movimentos políticos e as guerras nas colônias portuguesas da África na década de 1970 foram importantes na determinação de fluxos migratórios para São Paulo-Brasil, de portugueses e descendentes que lá residiam. Procuramos compreender esses novos fluxos migratórios e suas interferências nas vivências familiares recorrendo a relatos orais de imigrantes e de seus familiares, em complementaridade a outras fontes. As narrativas permitem apreender as complexas dinâmicas familiares nos deslocamentos; verificamos as condições de chegada dos portugueses às regiões africanas, as vivências das gerações e a imigração para o Brasil, que se concretiza pelas possibilidades existentes no momento.

## *2 Famílias e imigração: a pesquisa*

Se o “ser imigrante”, conforme expressão de Sayad (2000) traz homogeneidades dadas pelo processo de saída e de chegada e pela ilusão da “provisoriedade da condição” em que vivem, podemos também afirmar que os contextos em que se inserem trazem elementos diferenciadores. Assim, estudar as vivências de famílias que, vindas de Portugal, instalaram-se nas antigas colônias portuguesas da África e depois se mudaram para o Brasil (São Paulo) coloca para os pesquisadores possibilidades de melhor compreender os deslocamentos de populações no mundo atual e como as famílias os visualizam a partir das experiências que empreenderam.

As reflexões que são aqui formuladas estão pautadas nas observações obtidas em trabalho de pesquisa de natureza exploratória e qualitativa. Como já observamos em outros escritos (Demartini, Cunha e Doppenschmitt, 2005) os dados sobre os deslocamentos de regiões africanas para o Brasil no período considerado não são

disponibilizados pelos órgãos oficiais do Estado brasileiro (que afirma serem inexistentes) e tais fluxos foram ainda muito pouco estudados. Nosso interesse pelos mesmos ocorreu, de um lado, por ter acompanhando de perto a chegada de algumas pessoas vindas da África em São Paulo, fato que despertou interesse pelo problema no momento em que, como pesquisadora, ainda não trabalhava com a temática das migrações; ficou, entretanto, registrado como um acontecimento que chegou a marcar profundamente as relações no quadro familiar. Mais tarde, depois de haver estudado por muitos anos os processos imigratórios de japoneses e sua inserção na sociedade paulista e paulistana durante o século XX (Demartini, 1997), grupo com uma grande visibilidade no conjunto da população (abrangem atualmente cerca de um milhão de pessoas, só em São Paulo), voltei-me para o estudo dos imigrantes portugueses, talvez o grupo mais “invisível” de população, estudando o período do final do século XX, quando chegaram em grande número, superando a entrada de imigrantes italianos. Este estudo (Demartini, 2003) foi a ponte para que propuséssemos o estudo do período mais recente, quando outros personagens, também de origem portuguesa, começaram a chegar a São Paulo, mas trazendo experiências diferentes das levadas migratórias anteriores.

O estudo compreendeu dois grandes fluxos ocorridos no mesmo período, mas com origens distintas: os que vieram de Portugal, país em que sempre viveram, e os que vieram das antigas colônias portuguesas da África, onde suas famílias residiam. Procuramos conhecer as motivações envolvidas nesses fluxos migratórios, assim como as trajetórias e vivências dos sujeitos e suas famílias no novo contexto de adoção. Nesse texto focalizamos o segundo fluxo migratório.

Como a disponibilização de dados quantitativos e sua obtenção mostrou-se inviável, a opção pela abordagem qualitativa pautada no que hoje se denomina História Oral, mas sob o enfoque sociológico, isto é, a investigação de questões/problemas com base em fontes orais em complementaridade aos dados de outras naturezas, impôs-se como condição para a realização do estudo (Lang, Campos e Demartini, 1998). Também como já discutimos em outros momentos (Demartini, 2005), as fontes orais têm se mostrado fundamentais para o conhecimento da História da África. Alguns estudos mais recentes (Mateus, 2006) têm confirmado sua importância.

No nosso caso, instigavam-nos as questões: quem seriam esses “novos” personagens que chegavam a São Paulo? Seriam os fluxos migratórios semelhantes aos

anteriores, em que muitos portugueses vieram para procurar uma vida melhor, a “árvores das patacas”, como diziam? Nossos convívios anteriores e as informações prévias que obtivemos nos indicavam que não, que se tratava de imigrantes diferenciados, de famílias com trajetórias muito distintas – seria importante, portanto, conhecê-las.

As dificuldades que se apresentavam, entretanto, não eram poucas – além da pequena quantidade de literatura e informações disponíveis, seria necessário encontrar as pessoas – onde? Relacionavam-se com as famílias que já haviam chegado a São Paulo muito antes? A procura foi, assim, sendo feita das mais diferentes maneiras a partir de consultas a instituições ligadas aos imigrantes portugueses, mas também através de informações obtidas com pessoas próximas e até por consultas a sites.

Os entrevistados constituem, assim, um grupo de imigrantes que veio da África para o Brasil na mesma época, mas não constituíam um grupo social que mantinha relações entre si, antes ou depois da chegada. Alguns eram pessoas de destaque, conhecidas por sua atuação em São Paulo; outros haviam se tornado também “invisíveis” não sendo, geralmente reconhecidos pela população local como pessoas que vieram da África, mas simplesmente como portugueses (dada a origem, a língua e a cor branca).

O processo de entrevistas também não foi uniforme, embora a proposta da pesquisa fosse voltada para a obtenção de histórias de vida resumidas de cada entrevistado (Demartini, Cunha e Doppenschmitt, 2005), de modo a compreender sua trajetória e de seu grupo familiar, desde Portugal. Enquanto alguns falaram mais de assuntos genéricos, outros detalhavam mais seus relatos sobre os diferentes momentos e as diferentes gerações das famílias.

### ***3 Os deslocamentos para a África, as vivências familiares nas ex-colônias portuguesas e a vinda para o Brasil***

De modo geral, o conjunto de entrevistas obtidas e o contato com os entrevistados e sua família permite-nos compreender melhor as diferentes dimensões das trajetórias familiares em seus deslocamentos entre os continentes europeu, africano e americano. Também é possível observar que os deslocamentos das famílias de

Portugal para as então colônias africanas e dessas regiões para o Brasil não são representados como processos que se assemelham – enquanto a ida para a África foi geralmente considerada com naturalidade, isto é – como o deslocamento dentro em um mesmo território nacional, dentro do que era considerada a “nação portuguesa ampliada”, o deslocamento para o Brasil foi sentido e é representado pelos indivíduos como uma “expulsão”, uma saída forçada de um território que era considerado seu.

Uma análise das trajetórias das famílias dos entrevistados evidencia que se foram muitos os períodos e os motivos do deslocamento das famílias para os domínios portugueses na África, por outro lado houve uma motivação comum (as forte pressões e ameaças dos movimentos revolucionários) para suas saídas das ex-colônias – ocorridas no mesmo tempo – o ano de 1975.

É interessante considerar, portanto, como ocorreram e foram representadas as relações e (re)construções familiares considerando esses dois grandes fluxos de famílias de origem portuguesa: 1) de Portugal para as colônias da África e 2) das ex-colônias para o Brasil.

Os relatos dos entrevistados indicam que variavam os motivos e os períodos em que eles próprios ou suas famílias chegaram aos territórios africanos de Angola e Moçambique. Algumas famílias chegaram há quatro gerações, portanto em um momento em que havia relativamente poucos colonos, que se localizaram geralmente em algumas regiões específicas, não por todo território de Angola e Moçambique. Nesse período, segundo alguns autores, até a convivência entre os colonos e vários grupos que habitavam tais regiões parecia ser mais “pacífica” (Cosme, 1978). Alguns falaram sobre a chegada de seus bisavôs maternos e/ou paternos nessas terras africanas, portanto muito antes da colonização mais dirigida e forte das décadas de 1950 e 1960.

O que se consegue constatar é que muitas famílias vieram procurando escapar das condições de vida difíceis em Portugal, que levava os homens, principalmente, a procurarem melhores empregos e remuneração em terras africanas (algumas regiões da África também eram visualizadas como o “fazer a América” dos imigrantes portugueses que vieram para o Brasil). Mas outros motivos levaram à África alguns portugueses pertencentes a famílias melhor situadas socialmente (solução de problemas familiares e amorosos). Havia também os que estavam ligados a grandes empreendimentos particulares ou ao Estado português. Em alguns casos, as famílias que saíram de

Portugal não permaneceram no mesmo lugar de chegada, mas deslocaram-se entre as colônias portuguesas na África.

Outros entrevistados relataram a chegada de suas famílias no período em que Portugal estimulou a ida de colonos portugueses para “suas” terras na África, como parte de um projeto estatal de ocupação política e econômica de seus territórios coloniais (Pimenta, 2005; Graça, 2005; Fernando, 2005).

Alguns casos podem ser tomados para exemplificar tais situações, evidenciando como durante tais processos de deslocamento para a África e depois para o Brasil ocorreram separações e novos encontros que permitiram a constituição de famílias com composições e convivências diferentes em cada contexto. Em virtude do espaço disponível, focalizamos famílias que foram para Angola e, de lá, vieram para São Paulo.

### **3.1 O caso de famílias que chegaram a Angola ainda na primeira metade do século XX**

Alguns entrevistados lembram as trajetórias familiares e como seus parentes foram se inserindo no contexto africano e aí concretizando seus projetos de ascensão social.

O caso da família de E.1 é importante para as reflexões sobre as trajetórias familiares: trata-se de família que havia chegado a Angola há várias gerações. Como relata a entrevistada:

*Sou africana, já sou filha de africanos. As minhas bisavós já foram para a África. As minhas avós eram crianças e os meus avós é que eram já adultos quando foram. Então os meus pais já são africanos, eu sou africana e se não tivesse vindo para cá, provavelmente os meus filhos seriam africanos. Eu comecei estudar em colégio. Eu me lembro que foi até uma trajetória que eu não sei dizer muito bem o porquê disto, não é, nunca questionei até porque na família pessoas tinham uma educação mais rígida, então o que é isto de questionar um pai o porquê de muitas coisas. “Sim, porque o melhor é aquilo que eu acho”. Então eu sou desta educação e eu me lembro que eu estudei num colégio particular na primeira série. Na segunda série eu fui para um colégio estadual. Na terceira série eu voltei para um colégio particular (...) Eram colégios mistos. Estes dois, e na quarta série eu fui para a Europa, fui para Portugal, interna, para um colégio porque estava na idade de aprender a ter maneiras. Não, nem eram matérias, eu acho que é assim uma coisa, seria um colégio que existia, próximo da Serra da Estrela, onde toda a minha família tinha estudado, então onde tinha gente enfim... Era uma tradição, então achavam que no colégio interno eu iria ter uma rigidez que não tinha a coisa da casa, os amigos, porque sempre convivi muito, gostei muito de gente, então eu brincava na rua, de bola, subia em árvores e isso para minha família não era a coisa mais adequada, não é, para uma menina. Eu tinha um irmão, mas que era mais pacatinho, mas homem tudo bem, menina então é que tinha*

*que ter uma coisa mais regrada. (...) Ele ficou. Fiquei três anos interna, passando férias e tudo e depois eu voltei e aí então fui para o ensino estadual...*

O importante nesse relato é que o padrão de educação continuou sendo o que era previsto em Portugal; a distância entre Angola e Portugal era grande, o que não impedia os pais de enviarem seus filhos para lá estudarem. O objetivo não era sua profissionalização ou prosseguimento dos estudos, mas sim a educação rígida do colégio interno português, o que na África parecia não haver. A entrevistada conta como, desde pequena seu comportamento não correspondia ao que se esperava de uma menina. Os relatos sobre as sanções com que era ameaçada mostram como o padrão da educação familiar portuguesa continuava presente mesmo já tendo a família chegado a Angola há muitas gerações.

A entrevistada e sua família, plenamente inseridas no contexto angolano, embora apoiassem os movimentos pela independência de Angola, foram obrigados a deixar o país em 1975; porque eram “brancos”, fugiram para Portugal; aí foram recebidos com agressões pela população local. Decidiram, assim, vir logo em seguida para o Brasil, onde reconstruíram suas vidas.

É interessante observar que, apesar de toda a convivência com os padrões previstos para as famílias portuguesas, a família de E.1 sentiu-se rejeitada quando procuraram abrigo em Portugal, ao saírem da África:

*(...) nós não éramos aceitos pelos portugueses, éramos retornados, e eu não conseguia entender o que era este “retornado”, que eu não tinha saído de lá, como é que eu era retornada? Eu era refugiada, retornada jamais! Talvez alguns que fossem portugueses que morassem em Angola, estavam retornados. Eu não estava retornada para coisa nenhuma, não é? Então eu estava uma apátrida, a gente não sabia, não tinha emprego, em Portugal, não tinha lugar para ficar. (...) eu cheguei a Portugal e eu fui execrada, no sentido que logo na minha recepção, quando eu desembarquei no aeroporto em Lisboa, foi ter uma manifestação de comunistas, do PC, partido comunista português, uns baderneiros, porque isto eu sei que eram, não é, em que gritavam: “Roubaram os negros, agora vão roubar os brancos! Vão embora para vossa terra!” Eu não tinha roubado ninguém, e eu não era retornada. (...) Um choque, decepção total, porque nós estávamos sendo colocados de uma determinada forma que não batia, eu dizia: “Gente, o que é isto? O que é que está acontecendo?”*

As origens familiares não foram suficientes para retê-los em Portugal. A entrevistada conta como em São Paulo houve uma rede de apoio para providenciar emprego para os que vinham da África, o que foi logo conseguido; não menciona a presença de familiares, nesse novo contexto.

Também o entrevistado E.2 conta que sua família havia chegado ao continente africano há várias décadas:

*(...) O meu pai e a minha mãe já são angolanos. Os meus avós, tanto paternos, quanto maternos é que eram portugueses, de Portugal, nascidos lá na Europa. (...) O que a gente sabe, que eles foram para lá, foi da seguinte forma: Portugal na época, tinha, começou, Angola precisava colonizar, então o quê que aconteceu? Escolheram algumas pessoas que iam para lá, né, outras, chegou um determinado momento que para ir para lá, para ir para Angola, só ia para lá quando o governo determinava que ia para lá pra prestar serviços ou para morar mesmo lá, ou então quando já tinha alguém mesmo lá que, por exemplo, parentes que chamavam e alguém se responsabilizavam pela pessoa lá em Angola. (...) A minha família, a maior parte estava toda em Angola. Em Portugal, praticamente tinha tios e tias, mas assim, sabe, bem, tipo assim de segundo grau. De vez em quando eles iam visitar e quando nós íamos para lá, normalmente eles faziam questão que a gente ficasse na casa deles. Tinha de Lisboa e tinha tios que ficavam lá nas aldeias mesmo.*

A ida dos avós para terras consideradas portuguesas em Angola permitiu que as gerações seguintes levassem uma vida que consideravam boa, com bons empregos, que permitiam que continuassem a ter contatos até freqüentes com Portugal:

*(...) Meu pai trabalhava na Companhia de Aviação lá de Angola que chamava, no início era DTA, que era “Direção Transportes Aéreos”, de Angola que era, pertencia ao governo. Em Angola, todas as pessoas que serviam o governo, de quatro em quatro anos, tinham o direito a passar, não sei se eram cinco ou seis meses de férias lá e com os salários pagos para... curtir Portugal mesmo, não é? (...) quando o meu pai tinha direito a esse prêmio, que o pessoal chamava de licença, iam para lá e normalmente levava a família inteira. Ou ia de avião ou ia de barco. No início ia de barco e depois começou a ir de avião.*

O que é interessante no caso da família de E.2 é que quando seus avós foram para Angola, uma irmã da avó escolheu outro destino, e veio para o Brasil; a situação política e a saída forçada da África permitiram o reencontro das irmãs, meio século depois:

*(...) Sou angolano, viemos para o Brasil em maio de 75, por causa da guerra que estava existindo lá em Angola e vim, no caso, eu, meu pai, minha irmã, veio a família inteira. Porque que nós resolvemos vir aqui para o Brasil? Nós resolvemos vir para o Brasil porque antes a gente tinha vindo passar férias aqui e nós gostamos daqui, do Brasil. O meu pai foi visitar as oficinas da VASP, na época prometeram emprego para ele e tudo. A situação lá estava começando a ficar ruim, muita guerra, muita briga e guerra civil começando a se desenhar, então nós resolvemos vir para o Brasil. O contato que nós tínhamos era assim: tinha uma tia da.. que era irmã da minha avó, que ela.. no caso, a minha, a minha tia ela foi.. ela veio para o Brasil e a minha avó foi para Angola, né. Existia o movimento de imigração, a saída dos portugueses pra várias partes do mundo, muita gente vinha para o Brasil, no caso dessa tia minha, veio para o Brasil né. Fazia cinqüenta anos que as irmãs não se viam, né, então nós viemos por causa dela né?*

Ao mesmo tempo, separaram-se de outro lado da família, dos parentes por parte de pai:

*(...) nós somos um dos primeiros da nossa família a vir embora, e depois teve o restante do pessoal que: “não, nós vamos ficar mais um pouquinho, vamos ver como fica, como não fica...”, aí o pessoal chegou a conclusão de que realmente não tinha condição. E o quê que aconteceu? A maior parte, por parte da minha mãe, como a gente já estava aqui, acabaram vindo pro Brasil, agora, parentes do meu pai, foram todos para Portugal.*

O entrevistado cita também parentes que teriam permanecido em Angola – tinham uma grande fábrica de calçados, e ficavam indo e vindo de Portugal.

Todos os que vieram para São Paulo ficaram morando na casa dessa tia, por um bom tempo; os relatos indicam que, apesar dos cinquenta anos que os separavam, os familiares deram todo o apoio aos vários casais que vieram de Angola:

*(...) quando todo mundo chegou no Brasil, foi morar na casa dessa tia minha, só que chegou um ponto que essa casa dessa tia minha, tava todo mundo lá e não comportava e outra, já fazia tempo que o pessoal tava lá e quando o pessoal começou a se ajeitar, nós falamos, nós vamos ter a nossa vida e deixar eles em paz, que eles já nos acolheram, e tava começando a ter algumas briguinhas, algumas coisas que é normal em família e aí foi quando nós começamos a vida e aí nós fomos morar nessa casa, tipo de uma república, morava todo mundo e depois o pessoal começou a ..., cada um já tinha se estabilizado no emprego, tudo, já tinha as suas economias e cada um alugou as suas casas. Nós fomos morar no Brooklin, perto do Shopping Morumbi, teve um outro, outros tios meus foram morar em uma travessa perto da Nove de Julho e teve outros que foram morar também, ali próximo do Shopping Morumbi e outros estavam morando, onde a gente já morava umas duas, três ruas pra cima, acharam uma casinha boa lá e acabou morando lá. A princípio, primeiro todo mundo de aluguel e depois aos poucos, cada um foi comprando as casinhas. Por último, quem estava assim um pouco mais resistente a comprar a casa, foi o meu pai, porque a família dele tava lá em Portugal; no fundo, no fundo, o meu pai, acho que queria voltar para Portugal. Eles falavam várias vezes em voltar para Portugal, só não voltavam para Portugal por quê? Porque nós tínhamos gostado daqui, do Brasil e toda a família da minha mãe estava aqui...*

Mesmo tendo familiares em Portugal, o entrevistado ainda não tinha ido visitá-los, nem os demais de sua família – só o pai, enquanto estava vivo, em razão de sua aposentadoria.

### ***3.2 O caso de famílias que foram no pós-Segunda Guerra Mundial, período de colonização mais dirigida do Estado português***

O entrevistado E.3 conta como sua família procurou a África no pós-Segunda Guerra Mundial como forma de melhorar de vida; Angola era considerada, por eles, como parte da nação portuguesa. A ida foi, portanto, resultado de um projeto familiar, que envolveu a chegada a Angola, primeiro do pai, e só depois da mãe e dos filhos – o entrevistado nasceu logo depois da chegada da família:



*(...) Os pais são do norte de Portugal, perto do Porto, uma cidade chamada Edvaldo Câmara, perto de (...). E esse tio meu, ele tinha estado na tropa, no exército, em Angola, nos anos 40, final da guerra, depois da guerra, por aí. Então, ele conhecia a Angola, e quando voltou para Portugal, Portugal estava no pós-guerra, não era uma situação boa. A maioria dos portugueses, jovens, naquela ocasião, se lançou para a imigração, porque a questão era “como sobreviver”, então ele criou na cabeça do meu pai essa coisa pela África, só que ele veio para o Brasil e meu pai foi para Angola. Primeiro. Eu fui gerado em Portugal e fui nascer lá e minha mãe foi para lá grávida e quando ela chegou lá, passados uns meses, eu nasci. Tinham parentes, pessoas da mesma aldeia de Portugal que estavam lá, que naquela época havia muita imigração portuguesa; embora lá fosse proibido e pusessem entraves grandes, para que as pessoas não imigrassem, eles faziam todo esforço para saírem do país (...) Portugal não entrou na segunda guerra, mas ficou pior do que os que entraram na guerra, então eles resolveram arriscar tudo...*

De algum modo, a família estabeleceu-se bem em terras de Angola, econômica e socialmente; por ocasião da independência, em 1975, os filhos já tinham chegado ao nível universitário. A família nunca havia pensado em sair de Angola, para viver em outros lugares.

Foram as pressões sentidas durante o processo revolucionário que os foram impelindo a pensar em novos destinos; mesmo assim, não havia unanimidade de posições e as resistências, principalmente dos membros familiares mais novos, que haviam crescido em Angola, foram muito grandes. Como relata o entrevistado:

*(...) E Angola era um país novo, tudo por construir. As pessoas não estavam preocupadas com a vida do Zé, do João, do Francisco. As pessoas queriam é cuidar da sua vida e desbravar terrenos, fazer tudo que fosse preciso fazer. Então eu me via, eu nunca me vi, nunca me lembro de ter pensado em migrar, tanto que eu resisti até a última hora. Então, quando em 1975, eu estava em Luanda, na capital, com meu irmão mais velho estudando e começou a guerra civil, então nós ficamos uma semana sem contato com a família, que estava em Luanda, e meu pai ficou, começou a ficar preocupado com essa situação o que ia acontecer, o que não ia acontecer e mandou uma carta, que acabou chegando na república onde eu morava na época e com essa, foi com essa carta que ele pedia que a gente voltasse pra casa porque tinha que discutir o que a gente ia fazer. Por acaso, era próximo das férias de Junho e julho, aí nós voltamos e, entretanto, o país já tava numa guerra civil só. E um dia nós estávamos discutindo o que faria o que não faria. Eu e meu irmão éramos contra sair de lá e a gente queria ficar.*

Para manter o grupo familiar coeso, vieram não só o pai, mãe e filhos, mas também a futura mulher do irmão do entrevistado, e até um amigo dela cujos pais já haviam ido para Portugal:

*(...) Viemos todos juntos. Pai, mãe, irmãos, todo mundo. Nós somos quatro. Veio também um, na época, ia ser meu futuro cunhado, hoje é meu cunhado, era namorado da minha irmã, ele veio junto. E um amigo que hoje tá em Portugal, na época, os pais dele já não estavam em Angola, ele resolveu vir com a gente pro Brasil. E ficou aqui, vários anos,*

*depois acabou voltando, hoje está em Portugal, na época, os pais dele já não estavam em Angola, ele resolveu vir com a gente para o Brasil.*

A trajetória da família de E.3 permite verificar como os componentes da família podem, durante processos migratórios, acionarem parentes que estavam de certa forma afastados para ajudarem a resolver os problemas que a saída forçada colocou. No caso, recorreram a um tio do entrevistado, que residia em Santos, cidade portuária próxima a São Paulo:

*(...) nós chegamos com 180 dólares no bolso, cada um. Você imagina o que é você chegar no Brasil, nos anos 70, fim do milagre econômico, já não era aquela pujança que o Brasil tinha, e chegamos. Tivemos que... lá tinha assim, um tio meu aqui, irmão do meu pai, que morava em Santos que deu aquela força inicial pra gente começar, aí nós começamos a trabalhar. E aí nós começamos o trabalho; comecei a trabalhar de garçom no bar dele lá em, no Porto de Santos, na Avenida Rodrigues Alves e olhando o que poderia fazer, aí, com mais ou menos uns seis meses, um ano, eu comecei a ver saídas. Acabou dando uma força pra ele. Foi o que fez com a gente segurasse nessa fase inicial. Logo depois, meu pai pediu um empréstimo a esse irmão e a um outro primo aqui de São Paulo pra comprar um negócio lá em Santos e foi aí que começou, montou um negócio lá, um bar, um barzinho, né. E começou (...) a vender, foi por conta disso. E com isso foi que a gente ia pagando nossas faculdades, que nenhum de nós conseguiu entrar em escola pública.*

Observa-se, entretanto, que a trajetória do grupo familiar não se estabilizou com a vinda para o Brasil – voltaram para Portugal os pais, um irmão com a mulher, a irmã, na década de 1990. O entrevistado, que se casou aqui com uma filha de portugueses que vieram para o Brasil no pós-guerra, reside com a família em cidade próxima a São Paulo (a mulher, as filhas e a sogra da sua irmã, que não quis voltar para Portugal), em um arranjo familiar diferenciado.

Como se vê, os arranjos familiares foram se modificando em cada continente. O entrevistado sintetizou a situação atual: “a família hoje está dividida”.

A trajetória da família de E.4 evidencia como os laços familiares foram importantes na escolha dos destinos imigratórios:

*(...) A vida na Europa no pós-guerra, após 45, era uma vida muito difícil. Mesmo Portugal não tendo entrado na guerra, sofreu o pós-guerra que o plano Marshall foi mais aplicado aos países diretamente envolvidos na guerra e aos perdedores do que propriamente aos países que não participaram, então, Portugal e Espanha, passavam momentos muito difíceis e acredito que meus pais almejando um futuro melhor emigraram para Angola, como podiam tê-lo feito aqui para o Brasil. Essa emigração para Angola se deu aqui na altura, o meu pai tinha um irmão já em Angola, que prestava serviço militar. Na altura, o governo português obrigava um documento intitulado “Carta de chamada”, ou seja, um documento em que a pessoa que chamava o ente familiar ou amigo se responsabilizava pelos atos do mesmo até um certo número de anos. Então meu tio, irmão do meu pai, emitiu esta “Carta de chamada” que originou a ida dos meus pais para Angola.*

Também nesse caso, a família conseguiu estabelecer-se bem nas atividades econômicas a que se dedicaram.

*(...) Um território onde havia tudo para fazer, praticamente, e acho que qualquer emigrante ao sair do seu território se dedica e faz por gostar, principalmente quando emigrou por vontade própria e para ficarem, para ser bem sucedido. Acho que foi essa tônica que meus pais seguiram... e se deram sempre muito bem e... sempre gostaram da vida que fizeram lá em Angola.*

O entrevistado continuou convivendo com a família em Portugal mesmo depois de terem se mudado para Angola; depois de certo tempo, voltou para a África.

*(...) Eu tenho cinco anos passados em Portugal, porque a minha avó materna estava sozinha em Portugal e os meus pais acharam por bem que eu fizesse companhia, então, eu passei dos meus sete aos onze anos em Portugal. Eu era muito novo, eu lembro bem de... eu gostar de Portugal, porque enfim... eu estava num colégio muito bom. Na altura meus pais já tinham, felizmente, uma situação financeira que lhes permitiam ter me colocado num colégio particular bom (...) Então esses cinco anos que eu vivi em Portugal, foram anos para mim muito marcantes porque eu tive... enfim... ocasião de conviver com uma outra civilização, principalmente porque a civilização europeia portuguesa era diferente da civilização africana portuguesa (...) entretanto a minha avó adoeceu e meus pais acharam por bem chamá-la para junto deles e ela foi para Angola e eu fui junto quando eu tinha onze anos de idade.*

Mas, as relações com Portugal continuaram fortes, pois voltou novamente para Lisboa para cursar a Universidade, quando terminou o colegial, com dezessete anos. O retorno à Luanda foi motivado pela ida da irmã para a Suíça, para estudar, e, principalmente, porque alguns familiares de Portugal escreveram para seu pai, comentando que em Lisboa ele “andava muito à vontade”. Novamente os parentes acompanhando as vivências familiares.

Como os demais, a saída de Angola deveu-se ao acirramento da situação política; segundo o entrevistado, “Luanda vivia em campo de batalha”, “o período que vai de março de 75 a outubro de 75 realmente foi um inferno em Luanda”. Portugal foi o primeiro destino, levando também a mãe do entrevistado, que estava muito doente. Passados seis meses, entretanto, surgiu a opção pelo Brasil: “(...) a minha mulher ficou grávida do primeiro filho e eu falei – ‘Precisamos de trabalhar’, e aí viemos para o Brasil”.

Nesse caso, contou com o apoio de amigos e das redes de apoio do governo brasileiro, o que lhe permitiu rápida inserção no mercado de trabalho no estado de São Paulo; a mulher veio um mês depois, e seu filho já nasceu no novo contexto.

Os filhos foram depois de grandes para o exterior: um para os Estados Unidos, outro para Portugal, para estudar e trabalhar. O entrevistado e sua mulher residem atualmente na área metropolitana de São Paulo.

### **3.3 Algumas observações**

Do ponto de vista do campo familiar observamos, portanto, as freqüentes e inesperadas separações no processo migratório e a constituição de famílias com “convivências” diferentes em Portugal, na África, no Brasil. Em cada descolamento, há rompimentos com parentes que permanecem no contexto anterior ou se dirigem para outros (sem levar em conta os que, do Brasil, estão retornando ou indo para Portugal). A análise dessa dimensão (familiar) permite pensar que, para além dos deslocamentos de mão-de-obra em tempos de globalização, os freqüentes deslocamentos ocorridos em decorrência de movimentos de independência dos países africanos em direção ao Brasil implicaram na constituição de famílias “intercontinentais” e mutantes, constituídas em cada contexto por diferentes participantes (avós/pais/filhos) (pais e filhos) (sozinhos) etc. Há quase que um tom de “normalidade” nos relatos dos imigrantes às referências às ausências familiares, aos encontros e desencontros, ao convívio à longa distância.

Nesse estudo, como já havíamos discutido em pesquisa anterior realizada pelo CERU (Lang, 1997) a família, como observou Bourdieu (1993), atua, em situações de risco, não só como campo, mas como corpo. Retomamos aqui algumas observações desse estudo que realizamos entre diferentes grupos no estado de São Paulo, procurando analisar a família enquanto mediação entre indivíduo e sociedade:

*(...) Bourdieu sugere que a família tende a funcionar como um campo, que não teria um capital específico, mas que enfeixaria o volume dos capitais possuídos pelos seus diferentes membros. Os dados por nós analisados nos levaram a pensar que a família poderia efetivamente ser vista como um campo e que teria mesmo um capital específico, não desconsiderando a somatória de capitais de outra natureza possuídos pelos diversos membros do grupo familiar. A família teria um capital específico, ligado à afetividade e à emoção: trata-se do sentimento de pertencer ao grupo, de identificação com o grupo familiar, de diferenciação com relação a outros grupos familiares.*

*(...) A família como campo se impôs ao longo das pesquisas como um instrumento explicativo do papel mediador que esse grupo social desempenha nos embates no âmago da sociedade mais ampla em outros e diversificados campos visando, seja a sobrevivência material (como no caso dos assentados), seja a progressiva integração na sociedade brasileira e a ascensão social (como no caso dos imigrantes), seja a manutenção de um estilo de vida (como no caso de algumas famílias brasileiras tradicionais), enquanto outras, de origem popular, buscam ascender socialmente.*

(...) Por outro lado, a noção de família como corpo, representação sempre presente em nossa sociedade, foi frequentemente utilizada quando os embates no interior desse campo podiam se tornar fragmentadores desse mesmo corpo. Nesses casos, um projeto bem definido comum ao grupo familiar permitiu muitas vezes criar estratégias grupais mais claras e eficientes, que fossem capazes de manter a família como um corpo coeso. A coesão do grupo familiar concebido como corpo se faz por meio de alguns mecanismos: a solidariedade, a cooperação e a reciprocidade, mecanismos que se imbricam mutuamente e que, instrumentalizados via laços afetivos, constituem a lógica que presidiria o campo da família e que determinaria a coesão do grupo familiar (Lang, 1997: 115).

Os deslocamentos ocorridos na década de 1970, relacionados aos movimentos políticos, não finalizaram para grande parte das famílias contatadas e entrevistadas: em quase todas é citado o retorno de familiares para Portugal, no caso dos que de lá vieram, e também para os que anteriormente residiam em países africanos, e mais recentemente resolveram mudar-se para a antiga metrópole. Raramente há indicações de retorno de familiares dos que vieram da África, para esse continente. O que se consegue apreender, principalmente através das entrevistas, é que há um movimento de fluxo constante/contínuo (ainda não definitivo ou claramente resolvido) entre Portugal, países dos PALOP (Angola e Moçambique) e Brasil. Permeando esses fluxos, estão geralmente razões econômicas, políticas, sentimentais, que foram aproximando/afastando pessoas originárias de diferentes contextos.

Essas são questões que merecem ser aprofundadas.

### **Referências bibliográficas**

Bourdieu, P. (1993). À propôs de la famille comme catégorie réalisée. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, (100), 32-36.

Cosme, L. (1978). *Cultura e revolução em Angola*. Porto: Afrontamento.

Demartini, Z. B. F. (2003). Migrações e relatos orais: as potencialidades das entrevistas com gerações sucessivas. In M. B. Rocha-Trindade & M. C. S. S. Campos (Org.). *Olhares lusos e brasileiros*. São Paulo: Usina do Livro, (pp. 157-178).

\_\_\_\_\_. (2005). Pesquisa histórico-sociológica, relatos orais e imigração. In Z. B. F. Demartini & O. Truzzi (Org.). *Estudos migratórios: perspectivas metodológicas*. São Paulo: EduFSCar, (pp. 87-113).

\_\_\_\_\_. (1997). Viagens vividas, viagens sonhadas: os japoneses em São Paulo na primeira metade deste século. In A. B. S. G. Lang et al. (Org.). *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: Humanitas/CERU. (Coleção Textos, série 2, n. 7).

Demartini, Z. B. F., & Cunha, D. O., & Doppenschmitt, E. (2005). Desafios da pesquisa com fluxos migratórios recentes: portugueses e luso-africanos em São Paulo. *Cadernos CERU*, série 2, (2), 41-54.

Demartini, Z. B. F. et al. (1997). Reflexões. In *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: Humanitas/CERU, (pp. 109-126). (Coleção Textos, série 2, n. 7).

Fernando, E. (2005). *O último adeus português*. Portugal: Oficina do Livro.

Graça, P. B. (2005). *A construção da nação em África*. Coimbra: Almedina.

Lang, A. B. S. G. (Org.). (1997). *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: Humanitas/CERU, (pp. 77-95). (Coleção Textos, série 2, n. 7).

Lang, A. B. S. G., & Campos, M. C. S. S., & Demartini, Z. B. F. (1998). *História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU*. São Paulo: Humanitas/CERU.

Mateus, D. C. (2006). *Memórias do colonialismo e da guerra*. Porto: ASA. (Coleção Arquivos Históricos).

Pimenta, M. F. T. (2005). *Branços de Angola: autonomismo e nacionalismo (1900-1961)*. Coimbra: Minerva Coimbra. (Coleção Minerva – História, 24).

Sayad, Abdelmalek. (2000). O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia - Revista do Migrante*, 13(n. especial).